

Uma reflexão acerca da compreensão dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica sobre sua relação com o trabalho

RESUMO

O presente artigo pretende analisar como os estudantes da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica compreendem sua relação com o trabalho. Para tal objetivo a coleta de dados se deu pela escrita de um memorial pelos estudantes. Elucidamos inicialmente as concepções de trabalho no sentido histórico e ontológico. Posteriormente, refletimos sobre a Nova História Cultural como possibilidade de, ao compreender a história “vista de baixo”, permitir o resgate e a valorização daqueles que geralmente não são ouvidos. Em seguida, com base nos discursos dos estudantes-trabalhadores que participaram das atividades de produção do memorial, buscamos explicitar como eles compreendem o trabalho. Ao final é possível perceber que os estudantes-trabalhadores não compreendem o trabalho em seu sentido ontológico. Ao contrário, ao vincular trabalho ao fator emprego e ao processo de distanciamento do processo escolar, atribuem ao trabalho sentidos de dor e de perdas de oportunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho. Educação de Jovens e Adultos. Educação Profissional e Tecnológica. Memorial.

Vinicius Vieira de Sousa

Vinicius.vsouza@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7862-5914>

Instituto Federal Catarinense e
Secretaria do Estado de Educação de
Santa Catarina, Blumenau, Santa
Catarina, Brasil.

Inge Renate Fröse Suhr

inge.suhr@ifc.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-7589-0090>

Instituto Federal Catarinense,
Blumenau, Santa Catarina, Brasil.

INTRODUÇÃO

Aproxima-se o fim do expediente e se aproxima o início da aula. Para Letícia¹ esse intervalo é sempre uma corrida para não se atrasar, pois é preciso deixar a jornada de trabalho para assumir uma nova persona, a estudante, ligando o percurso do trabalho e da escola ininterruptamente, contrariando a relação entre esses dois universos no decorrer de sua vida pregressa.

Neste dia, a estudante-trabalhadora² Letícia chega à aula e entrega seu memorial, solicitado pelo pesquisador que se debruça em estudos sobre o público da Educação de Jovens e Adultos (EJA) integrada à Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Sua narrativa expõe um pouco do percurso desta estudante-trabalhadora de 42 anos: *“fiz até a 7ª série, depois foi difícil... [...] e quando fiz 13 anos de idade tive de trabalhar pra ajudar em casa”*. A condição de trabalhadora a afastou da condição de estudante.

Letícia frequenta a EJA integrada à EPT, no curso de Agroindústria, no Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú. Embora sua história seja marcante, não destoa do mosaico composto por tantas histórias de vida relatadas por quem cursa a Educação de Jovens e Adultos.

O trecho se encontra no memorial³ construído pela aluna a partir de uma sequência didática⁴ proposta como atividade do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, que visa trazer à luz as histórias de vida dos estudantes para a prática pedagógica.

A leitura dos memoriais produzidos pelos 14 (quatorze) estudantes dá origem ao objetivo deste texto: refletir sobre como os estudantes da EJA integrada à EPT compreendem a sua relação com o trabalho, expressando-a, seja de maneira explícita ou implícita, nas escritas de suas histórias de vida.

O estudante-trabalhador que frequenta a EJA geralmente viveu uma trajetória educacional fragmentada de ingresso e saída da escola, muitas vezes devido à premência do trabalho. Seu retorno, principalmente em cursos integrados à EPT, também sinaliza a importância que o trabalho exerce na vida dessas pessoas, já que, além do acesso ao conhecimento, buscam qualificação profissional, sob a expectativa de conseguirem trabalho ou ascenderem a cargos mais bem remunerados.

A coleta de dados realizada com a leitura dos memoriais se deu no Instituto Federal, o que nos leva a discorrer brevemente sobre a proposta de formação profissional dessa instituição.

Uma proposta educativa institucional que privilegia a educação profissional integrada à educação básica, em um projeto formativo que está para além de uma formação para o mercado de trabalho, pode ser encontrada no Documento Base⁵ (versão 2007). Esse documento registra um percurso de debates entre os pensadores progressistas brasileiros ao longo de décadas, sustentado, assim, pelos pressupostos teórico-metodológicos de cunho social.

A formação humana aqui tratada impõe produzir um arcabouço reflexivo que não atrele mecanicamente educação-economia, mas que expresse uma política pública de educação profissional integrada com a educação básica para jovens e adultos como direito, em um projeto nacional de desenvolvimento soberano, frente aos desafios de inclusão social e da globalização econômica. (BRASIL, 2007, p. 14).

Como propõe o documento, a EJA integrada à EPT quer estar para além da profissionalização mercadológica e utilitária. A EJA é uma modalidade de ensino que possui especificidades devido às quais urge investigar as reais necessidades de seus estudantes, para compreender de que modo produzem/produziram os conhecimentos que trazem para a sala de aula, perquirindo como os mesmos podem contribuir para a construção do trabalho pedagógico e, dessa forma, para a melhoria dos processos de ensino aprendizagem.

Desejamos então, por meio desta reflexão crítica, depreender a concepção dos sujeitos estudantes acerca do termo trabalho, no sentido histórico ou ontológico, e com isso contribuir para construção de uma educação integrada.

Para que o leitor acompanhe nosso raciocínio, elucidamos inicialmente as concepções de “trabalho no sentido histórico e ontológico” (SAVIANI, 2007, p. 154). Posteriormente, refletimos sobre a “Nova História Cultural” (BURKE, 1992, p. 11) como possibilidade de, ao compreender a história “vista de baixo”, permitir o resgate e a valorização daqueles que geralmente não são ouvidos. Em seguida, com base nos discursos dos estudantes-trabalhadores que participaram das atividades de produção do memorial, busca-se explicitar como eles compreendem o trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nos itens a seguir trataremos apresentaremos uma breve reflexão sobre o trabalho, compreendido como elemento inerente à natureza humana, tomando por referência Saviani (2007), Kosik (2002) e Marx (2017). Na sequência traremos a perspectiva da Nova História com Burke (1992), Certeau (1998), Le Goff (2003) e Sharpe (1992), que compreendem a “história vista de baixo”, concepção que nos permite analisar os memoriais.

“MUITAS EMPRESAS SE APROVEITAM DA FALTA DE ESTUDO DE SEUS FUNCIONÁRIOS”: O TRABALHO

Fazer o uso da fala desses estudantes é um movimento de debruçar-se em histórias, com toda atenção e cuidado que elas merecem. Por isso os memoriais elaborados pelos estudantes foram lidos com autorização deles e com base num referencial teórico, segundo o qual o trabalho assume duas dimensões: o caráter ontológico e o caráter histórico.

No sentido ontológico, trabalho é aquilo que constitui o ser humano enquanto um ser que produz. Ele dispõe da natureza e, a partir dela, planeja e produz os seus meios de subsistência. Na filosofia clássica, no diálogo platônico Protágoras, quando os deuses incumbiram a Prometeu e Epimeteu o trabalho de

distribuir as qualidades e os meios para os animais que habitariam a terra sobreviverem, Epimeteu distribuiu devidamente aos animais as condições necessárias para sua subsistência, porém esqueceu dos seres humanos. Foi então que Prometeu, para que os seres humanos não fossem exterminados pelos animais, roubou de Hefesto e Atena a sabedoria das artes juntamente com o fogo, “pois, sem o fogo, além de inúteis as artes, seria impossível o seu aprendizado”. “Não demorou muito, e começaram a coordenar os sons e as palavras e começaram a engendrar casas, vestes, calçados e leite, e a procurar terras e os alimentos.” (PLATÃO, 2002, p. 65, 321a).

Podemos observar, já nas palavras de Platão, que o que nos diferencia dos animais é a capacidade de produzir, de elaborar, de transformar a natureza para suprir as necessidades de determinado grupo. O ser humano não apenas constrói os meios de produção, mas garante a si instrumentos para a sua sobrevivência, na elaboração de ferramentas, vestuário, ideias, saberes, e tudo o mais que ele necessita.

Esse aspecto é também abordado pelos pensadores do século XIX dentro de uma perspectiva social. Nas palavras de Saviani,

[...] podemos, pois, dizer que a essência do homem é o trabalho. A essência humana não é, então, dada ao homem; não é uma dádiva divina ou natural; não é algo que precede a existência do homem. Ao contrário, a essência humana é produzida pelos próprios homens. O que o homem é, é-o pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico (SAVIANI, 2007, p. 154).

Porém, é importante destacar que o trabalho é uma atividade intencional do ser humano: ao transformar a natureza, sempre há um objetivo na ação, ou seja, uma pré-ideação. Nesse processo, gera-se conhecimento, que é transmitido, permitindo o avanço da ciência e o acúmulo de saberes pela humanidade. Por isso o trabalho permeia o ser humano e constitui sua especificidade, deste modo não pode ser reduzido apenas ao emprego (KOSIK, 2002).

Já no sentido histórico, na medida em que se desenvolvem os meios de produção, e, em consequência, se aprofunda a divisão do trabalho, essa atividade vai assumindo diversas formas. O modo como se compreende o trabalho na perspectiva histórica está ligado principalmente ao modo como os meios de produção se organizam, sejam eles entre escravos e seu senhor, o senhor feudal e seus vassallos, burgueses e proletários, ou, utilizando os substantivos atuais, o líder e seus colaboradores. Destaca-se que todas essas divisões/classificações em si compreenderam aqueles que detêm os meios de produção e aqueles que não os detêm.

Sob o capitalismo, o trabalho, que é de natureza ontológica aos seres humanos, assume então o caráter de emprego, desvinculado da ideia de ser constituinte do ser humano. Declara, assim, basicamente, o papel de prover a sobrevivência por meio da venda/compra de mão-de-obra, o que reafirma a divisão das pessoas em duas grandes classes: os que são proprietários dos meios de produção e os que não os têm, e, portanto, só têm a força de trabalho, vivem do trabalho dos que vendem a sua força de trabalho (SAVIANI, 2007).

No modo capitalista de produção, a única forma de gerar riqueza é a exploração do trabalho. Segundo Marx,

É claro que a natureza não produz, por um lado, possuidores de dinheiro ou de mercadorias e, por outro, indivíduos que só possuam a sua força de trabalho. Essa relação sem fundamento natural não é tampouco uma relação social comum a todos os períodos da história. E o que caracteriza a época capitalista é que o detentor dos meios da subsistência e de produção encontra no mercado o trabalhador cuja força de trabalho reveste a forma de mercadoria, e o trabalho, por consequência, a forma de trabalho assalariado (MARX, 2017, p. 84).

À medida que se produz a força de trabalho, ela se transforma em mercadoria, eliminando assim o seu caráter ontológico e possibilitando que o trabalho seja alienável, permitindo a extração da mais-valia. Conforme Marx expõe, em outro trecho,

[...] a força de trabalho vende-se no mercado para ser explorada fora do mercado, no domicílio da produção, onde é origem de mais-valia. A produção do lucro é, portanto, outra coisa que a produção do valor prolonga mais além de certo limite. Se a ação do trabalho dura só até o momento em que o valor da força de trabalho paga pelo capital é substituída por um valor equivalente, há simples produção de valor. Quando passa desse limite, há produção de mais-valia (MARX, 2017, p. 94).

Como se observa, a divisão do trabalho não é produzida pela natureza, e sim, se relaciona com a especialização das atividades e, no caso do capitalismo, à exploração do trabalho com o objetivo de produzir lucro. Nesse modo de produção, a única mercadoria que tem o trabalhador para garantir sua subsistência é a força de trabalho, que, ao ser sub-remunerada, é apropriada pelo detentor do capital, gerando o que se entende por mais-valia.

Conduzir os estudantes na compreensão dessas concepções de trabalho é uma das intenções de uma educação integral, compreendida como horizonte a perseguir no sentido de superar a unilateralidade de uma formação apenas direcionada a atender às demandas do mercado. Diante da proposta de educação integral, “abandona-se a perspectiva estreita de formação para o mercado de trabalho, para assumir a formação integral dos sujeitos, como forma de compreender e se compreender no mundo” (BRASIL, 2007, p. 43).

Nas palavras de Moura (2007, p. 19),

Tais reflexões conduziram ao entendimento de que uma solução transitória e viável é um tipo de ensino médio que garanta a integralidade de uma educação básica, ou seja, que inclua os conhecimentos científicos produzidos e acumulados historicamente pela sociedade, como também objetivos adicionais de formação profissional numa perspectiva da integração dessas dimensões. Essa perspectiva, ao adotar a ciência, a tecnologia, a cultura e o trabalho como eixos estruturantes, contempla as bases em que se pode desenvolver uma educação tecnológica ou politécnica e, ao mesmo tempo, uma formação profissional *stricto sensu* exigida pela dura realidade da sociedade brasileira.

A citação nos remete à intenção de, por meio do acesso ao conhecimento historicamente acumulado, permitir ao trabalhador a compreensão do mundo em

que vive, além de também prepará-lo para o exercício de uma função no mundo do trabalho.

A condição de trabalhador é, por vezes, o que distanciou os sujeitos que frequentam a EJA da condição de estudante. É também, o que, muitas vezes, os faz retornar. Por isso, quando tratamos de estudantes-trabalhadores adultos, importante lembrar que, apesar de estarem todos subordinados ao mesmo modo de produção e à exclusão, têm especificidades e expectativas diferenciadas. Exatamente pela existência, por um lado, de semelhanças, e por outro, de especificidades, trazer luz às histórias e memórias desses sujeitos é relevante para nos aproximarmos da educação integral.

A HISTÓRIA E A MEMÓRIA “VISTAS DE BAIXO”

A pesquisa relatada neste artigo tomou por referência, para coleta de dados, o registro das memórias dos estudantes por meio do memorial e, no recorte ora apresentado, na análise de como o trabalho esteve/está presente na vida dos estudantes-trabalhadores da EJA integrada à EPT.

A escolha do memorial se deu porque, para os estudantes da EJA, o momento de retorno à sala de aula é um momento que demarca a intenção de trilhar novos caminhos. Isso não elide o fato de que suas histórias e percursos de vida foram marcantes para trazê-los até a atualidade e merecem ser considerados pelos docentes, bem como ressignificados pelos próprios alunos.

Entretanto, poderíamos questionar de que modo a produção de memoriais contribuiria para esse processo. Abrahão afirma o seguinte sobre a escrita de si:

[a] característica do tempo narrado pode ser detectado nas diversas narrativas (auto)biográficas, sejam situadas eminentemente no campo da literatura, sejam na área da historiografia, no que respeita a reconstruções e ressignificações que o sujeito que rememora faz sobre a própria trajetória, cuja narrativa está vinculada tanto ao momento da enunciação, como ao momento do enunciado e, portanto, tratada como narrativa de um sujeito que se constrói desde dentro dos condicionantes micro e macroestruturais do sistema social que está inserido (ABRAHÃO, 2004, p. 208).

Ao dizer de si, o estudante manifesta não apenas o que fez parte da construção da sua vida, e aqui especificamente sua vida profissional, mas o seu olhar parte de como hoje ele compreende o seu tempo – tempo de vida, tempo de trabalho, tempo de estudo – a partir das estruturas sociais em que está inserido.

Para dar suporte à metodologia utilizada, buscamos apoio na “Nova História”, que tem origem “associada à chamada *École des Annales*”. Ela se constrói como uma reação à maneira tradicional de fazer história, já que essa nova perspectiva se interessa por toda atividade humana e não apenas pelos grandes feitos, “ou seja, tudo tem um passado que pode em princípio ser construído e relacionado ao restante do passado” (BURKE, 1992, p. 11).

A partir deste entendimento, percebemos que o reconhecimento, valorização e ressignificação das histórias dos estudantes possui grande valor no processo de construção de uma educação integral, a qual assume “a condição humanizadora da educação, que por isso mesmo não se restringe ‘a tempos próprios’ e ‘faixas etárias’, mas se faz ao longo da vida” (BRASIL, 2007, p. 13).

Assim, como já descrito no início do texto, é importante analisar como esses sujeitos compreendem o trabalho, trazendo à luz como os trabalhadores (história vista de baixo) o vivenciam. Nas palavras de Sharpe:

[...] a importância da história vista de baixo é mais profunda do que apenas propiciar aos historiadores uma oportunidade para mostrar que eles podem ser imaginativos e inovadores. Ela proporciona também um meio de reintegrar suas histórias aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história (SHARPE, 1992, p. 62).

Mais do que uma nova metodologia, a escrita dos memoriais pelos estudantes é também uma oportunidade para os professores que, de algum modo, também relembram/reconhecem seus próprios percursos e a relação que estabeleceram/estabelecem com o trabalho.

Ao atribuir rigor metodológico ao discurso de estudantes que frequentam a Educação de Jovens e Adultos, encontramos suporte em Michel de Certeau que

Para explicitar a relação da teoria com os procedimentos dos quais é feito e com aquele que aborda, oferece-se uma possibilidade: um discurso em histórias. A narrativização das práticas seria uma “maneira de fazer” textual, com seus procedimentos e táticas próprios.

[...]

Então se poderiam compreender as alternâncias e cumplicidades, as homologias de procedimentos e as imbricações sociais que ligam as “artes de dizer” às “artes de fazer”: as mesmas produziram ora num campo verbal ora num campo gestual; elas jogariam de um ao outro, igualmente táticas e sutis cá e lá; fariam uma troca entre si – do trabalho no serão, da culinária, às lendas e às conversas de comadre, das astúcias da história vivida às da história narrada (CERTEAU, 1998, p. 53).

Nesse jogo do dizer e do fazer, mediados pelo conhecimento que o(s) professor(es) trazem, os estudantes podem ressignificar seu conhecimento acerca do trabalho. Essa ressignificação, indo do “sentido” ao “compreendido”, favorece que, aqueles a quem foi socialmente destinada apenas a função de execução do trabalho, alcancem níveis mais elevados de compreensão da realidade. Ao se debruçar às suas trajetórias, descrevendo-as, os estudantes-trabalhadores (re)constróem significados a partir do repertório que têm no presente, permitindo que essas memórias ajudem a “esclarecer o presente” (LE GOFF, 2013, p. 15).

Encontra-se aí a importância da escrita e do dizer de si, pois ali se organizam não apenas as histórias de vida desses estudantes, mas abre-se espaço para reflexões sobre valores individuais e da sociedade como um todo, elementos que direcionaram o processo de cada um deles até chegarem à EJA integrada à EPT.

Considerando que a EPT adota o “trabalho como princípio educativo” (BRASIL, 2007, p. 38), entende-se que o conhecimento revelado nos memoriais

possibilita melhores condições de compreender como o trabalho se reflete na vida desses estudantes-trabalhadores.

Embora Michel de Certeau (1998, p. 162) não se refira especificamente à relação pedagógica, tomamos dele um trecho que nos ajuda a defender o papel do professor enquanto aquele que pode oferecer discussões e análises, sobre as quais o estudante ainda não havia tomado conhecimento quando resgata suas memórias: “para que haja ‘harmonia’ prática, falta apenas um pequeno nada, um pingão de algo, um resto que se tornou precioso na circunstância, e que o invisível tesouro da memória vai fornecer”.

Para que o resgate das lembranças aconteça, segundo o autor, é necessário que esses estímulos venham de fora, já que a memória não se encontra pronta de antemão, mas que vai ao encontro do outro, e que se mobiliza mediante os acontecimentos e, com isso, o seu resgate é reconstruir esse processo de ressignificação. Encontramos aqui a importância do trabalho do professor como mediador desse processo, para o que é primordial a habilidade de ouvir/ler o que este estudante-trabalhador tem a dizer, embora não o expresse de modo claro e conceitual e sim, por metáforas, sentimentos ou vivências.

A produção dos memoriais oferece a professores e estudantes ferramentas para que possam abrir o “baú dos tesouros” da memória. A partir daí será possível iniciar novos movimentos de compreensão da realidade. Como já sinalizado por Freire, o conhecimento, além de permitir a compreensão do mundo, deve favorecer a intervenção nele, num movimento dialético:

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente (FREIRE, 1998, p. 31).

O autor reconhece que somente a partir da compreensão do real os seres humanos podem trilhar a construção de novos saberes, sempre numa perspectiva de continuidade-ruptura entre eles, ou seja, no processo de uma educação emancipadora, se reconhece o conhecimento existente nos estudantes a partir de suas vivências. No nosso caso, pela escrita de si, teremos as ferramentas para o fazer e/ou refazer o conhecido.

Considerando que a Nova História Cultural tem por princípios teórico-metodológicos seu interesse por toda a atividade humana, não apenas os grandes feitos, dos grandes homens, mas as histórias de vida e o cotidiano daquilo que é prosaico, entende-se que os memoriais se tornam uma potente estratégia metodológica para que estas vivências possam vir à luz. Ao dizer de si, o estudante-trabalhador, que é ao mesmo tempo autor e protagonista da sua história, revisita e compreende o seu caminho até o momento presente. Dito isso, temos condições de realizar a análise dos memoriais.

METODOLOGIA

Importante observar que o conteúdo que compõe este artigo, faz parte de uma pesquisa maior. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo na acepção dada por Crosswell, segundo o qual este tipo de pesquisa “envolve as questões e os procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir de particularidades para os temas gerais” (2010, p. 26). O procedimento adotado para este artigo foi a análise de conteúdo, tendo em vista que a partir da grande pesquisa realizada na construção dos memoriais, empreendemos aqui a análise daquilo que foi produzido. Considerando as palavras de Boterf (1987, p. 73), de que “A função da pesquisa não é propriedade privada dos especialistas”, pretende-se com o estudo dar visibilidade aos alunos-trabalhadores, colocando suas histórias em significância educacional.

Na pesquisa maior, o que se pretendeu foi compreender como os estudantes da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica reconhecem seu percurso formativo do momento em que precisaram deixar o ensino regular ao seu retorno à escola e como o tempo de estudo e trabalho são levados em consideração no momento em que retomam os estudos. Por sua vez, neste artigo, buscou-se construir uma reflexão sobre a compreensão dos estudantes na sua relação com o trabalho. O projeto foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH), bem como os termos de consentimento livre e esclarecido devidamente assinados pelos estudantes.

Parte-se do pressuposto que o aluno-trabalhador necessita se reconhecer na relação com o trabalho, o mesmo que o retirou do cotidiano escolar. Importa ressaltar que o trabalho, que privou estes estudantes das possibilidades de acesso à educação naquilo que se convencionou chamar de “idade certa”, pode ser compreendido, em outra dimensão, como princípio educativo. Nesse caso, o trabalho não se pauta “pela relação com a ocupação profissional diretamente, mas pelo entendimento de que homens e mulheres produzem sua condição humana pelo mundo – ação transformadora no mundo, de si, para si e para outrem” (BRASIL, 2007 p. 38). Quando o estudante-trabalhador consegue se reconhecer nessa relação, ampliam-se as possibilidades de sua emancipação enquanto cidadão ativo na sociedade.

Para potencializar as vozes dos estudantes, utilizou-se do memorial descritivo como espaço para registro das autobiografias. Segundo Chizzotti, o memorial

É uma história da vida escrita pela própria pessoa sobre si mesma, ou registrada por outrem, concomitantemente com a vida descrita, na qual o narrador esforça-se para exprimir o conteúdo de sua experiência pessoal. O autor seleciona e analisa fatos, experiências, pessoas e estágios relevantes de sua vida, interpretando sua história pessoal, o contexto e as contingências do curso da própria vida, criando um texto no qual tem voz privilegiada, imprime uma tônica subjetiva aos fatos e pessoas, transita entre o real e o ficcional, inscreve-se, de modo claro ou latente, em uma realidade social e se constrói como uma individualidade histórica (CHIZZOTTI, 2014, p. 2014).

Essa técnica de pesquisa ainda é pouco explorada na modalidade de ensino para jovens e adultos. No entanto, foi a partir dela e da reflexão sobre a compreensão que os estudantes possuem sobre trabalho que se construiu o presente artigo.

O memorial descritivo é um gênero textual que tem sua origem no espaço acadêmico, tratando-se de um documento no qual “o ator/autor – professores, pesquisadores, pós-graduandos, graduandos – narra sua história de vida intelectual e profissional, analisando o que foi significativo para a sua formação” (PASSEGI; BARBOSA, 2008, p. 15). Essa atividade é utilizada para a nomeação de professores catedráticos, por exemplo. Entretanto, foi utilizado no desenvolvimento dessa pesquisa na tentativa de compreender as histórias de vida dos estudantes.

Neste artigo, com base nos materiais, analisou-se a categoria trabalho a partir da perspectiva dos estudantes. No entanto, conforme destaca Barthes,

Diante da infinidade de narrativas, da multiplicidade de pontos de vista pelos quais se podem abordá-los (histórico, psicológico, sociológico, etnológico, estético, etc), o analista encontra-se quase na mesma situação que Saussure, posto diante do heteróclito da linguagem e procurando retirar da anarquia aparente das mensagens um princípio de classificação e um foco de descrição (BARTHES, 2011, p. 20).

Nessa direção, o que se pretendeu não foi uniformizar a compreensão dos estudantes quanto ao trabalho, mas tentar extrair como o trabalho influenciou o processo e a vida desses estudantes. Entende-se que somente após esse processo de (auto)reflexão é que se torna possível construir modos de atuar junto a esses estudantes, tornando-os críticos do *status quo* posto e das condicionantes de suas vidas. Deseja-se que a descrição da compreensão das falas dos estudantes possa ser o ponto de partida para a construção do conhecimento em conjunto a esses estudantes-trabalhadores.

O TRABALHO SOB O OLHAR DOS ESTUDANTES-TRABALHADORES

A transcrição textual dos relatos é feita de modo literal, ou seja, fiel ao que foi redigido pelos estudantes, portanto é possível que a linguagem não esteja de acordo com a norma culta. Entretanto, essa é uma das riquezas encontradas na construção do memorial, pois permite conhecer como os estudantes escrevem e organizam suas ideias.

Em todos os relatos é possível perceber um caráter histórico do trabalho, ou seja, necessidade de venda de mão-de-obra por quem não é proprietário dos meios de produção. Por outro lado, o caráter ontológico do trabalho, como possibilidade de realização das potencialidades humanas, não se evidencia.

Começamos com o primeiro relato da estudante Letícia, que diz

Aos treze anos de idade veio as dificuldades na família então quando fiz 13 anos de idade tive de trabalhar para ajudar em casa estudei até aos 17 anos fis até a 7ª série depois foi difícil trabalhava no comércio as vezes dobrava a noite fazendo balanço e não tinha tempo de estudar muito cansaço depois veio casamento filhos tentei muitas vezes recomeçar mas não consegui [...].

Nesse relato, observa-se que a necessidade de trabalhar surge pelas dificuldades econômicas da família, o que prejudica a permanência na escola, já que Letícia deixou os estudos aos dezessete anos, quando cursava a sétima série. Observamos também que a estudante com 17 anos já estaria em vias de concluir o Ensino Médio, porém estava cursando a 7ª série, o que reflete que seu percurso escolar é descontinuado.

A estudante Kelly relata sua relação com o trabalho desde a infância, pois sua família tinha um mercado. Ela deixa claro que teve uma relação bem difícil com o pai, mas atribui a ele ter aprendido o valor ao trabalho:

Sempre que eu quisesse pegar qualquer coisa do mercado, tipo salgadinho, iogurte, tinha que acordar às 5 da manhã com ele, receber o leite que naquela época era só de pacote, colocar no lugar, e limpar pelo menos uma prateleira, tirar pó dos produtos e remarcar preço, tudo antes de ir para a escola, na época tinha 6, 7 anos, foi uma das poucas coisas que ele me ensinou, que carrego comigo até hoje, dar valor as coisas e ao nosso trabalho.

O tempo passa e a estudante relata que o pai agredia e abusava de sua mãe e que, não mais suportando essa condição, a mãe, levando os filhos, fugiu do pai e se mudou para outras cidades.

As seguintes mudanças levaram a dificuldades financeiras, o que também refletiu nas seguidas reprovações, conduzindo-a, conforme relato, a deixar a escola:

[...] quando estava na quinta série, desisti de estudar por que já trabalhava desde os 11 anos pra ajudar na renda de casa, e as coisas não estavam bem financeiramente, precisava ajudar com um emprego de período integral, já morávamos aqui em SC, e eu ia repetir de ano, pelas várias mudanças naquele ano, isso era uma vergonha para mim, mas ao contrário do que possa parecer eu tinha vergonha de repetir de ano, não da situação, achava minha mãe uma heroína, por nos livrar daquele ambiente tóxico que vivíamos.

Mais uma vez o trabalho tomou o lugar da escola, pois, conforme Kelly,

Daí em diante, eu ajudava minha mãe a cuidar da casa, do meu irmão mais novo, e trabalhava de babá, empacotadora, fazia limpeza, fazia folga num supermercado de bairro onde morávamos, lá fazia de tudo, limpeza, caixa, remarcar os produtos, trabalhei em vários lugares, mas nenhum com carteira assinada.

Na vida dessa estudante o trabalho aparece como uma necessidade urgente, diante das dificuldades que surgiram. Percebe-se também que ela só teve acesso a trabalhos precarizados, provavelmente pelo baixo nível escolar e pela falta de uma formação profissional específica.

Depois de casada, com a necessidade de sustentar os filhos e com o objetivo de adquirir a casa própria, para o que era necessário “ajudar o marido com as despesas” (Kelly), mais uma vez o que se coloca para essa mulher é a possibilidade

de trabalhos para os quais há pouca exigência de escolaridade/formação profissional. Não lhe foi permitido sonhar com uma escolha profissional, trata-se de trabalhar em tudo, indiferente de haver alguma relação de significado com o trabalho: “Aceitei um emprego que não queria, pois podia buscar meus filhos na creche/escola no horário aceitava limpar apto até no domingo.” (Kelly).

O trabalho perpassa o desejo da melhora nas condições de vida da família, mas, ao mesmo tempo, impossibilita parcialmente, ao negar a chance de uma inserção menos precarizada, que a escolaridade favoreceria na busca de melhores oportunidades. As necessidades imediatas determinaram a vida e as possibilidades de Kelly.

A estudante Érika também relata o abandono dos estudos pelo trabalho, causado pelas necessidades da família:

O tempo que fiquei fora da escola foi difícil para mim porque na época eu amava estudar queria poder ter terminado meus estudos e tentado uma faculdade, mas não foi possível pois tinha que trabalhar para ajudar minha família que passava por uma das piores fazes da vida financeira.

A trajetória de Érika também denota a precarização do trabalho, intensificada pela informalidade:

Já fiz faxina o dia todo e a pessoa quando foi me pagar me deu um sanduiche, um suco e cinco reais como forma de pagamento, já trabalhei em lugares o mês inteiro e até hoje não vi a cor do dinheiro, pois as pessoas não pagavam.

Érika considera que as pessoas costumam se aproveitar de quem não concluiu os estudos

Trabalhei em várias coisas, babá, faxina, camareira, atendente e outros. Sempre ganhando pouco pelo fato de não ter terminado o ensino médio, o que fazia com que algumas pessoas se aproveitassem desse fato.

Diante dos relatos aqui elencados, percebe-se que o trabalho (no sentido histórico do termo) se apresentou como demanda urgente para sanar as dificuldades pessoais e familiares. Encontra-se, por vezes de modo implícito, a insatisfação com o abandono dos estudos e, em consequência disso, a falta de possibilidades de sonhar com a construção de uma carreira ligada ao que gostariam de fazer, bem como, a aceitação de trabalhos precarizados, de baixa remuneração.

A sujeição aos desígnios do capital se coloca de maneira bastante explícita nas trajetórias dessas pessoas, na medida em que o trabalho assume apenas o caráter de garantir a subsistência e não como dignificador da existência humana. A impossibilidade de cursar toda a educação básica e construir uma carreira, escolher uma profissão e cursar o ensino superior e vivenciar o trabalho na sua forma ontológica, como parte da sua realidade e dignificar da sua existência, foi negada a essas pessoas, resultado da realidade e história que viveram. Suas histórias não possibilitaram que vivessem ou compreendessem o trabalho no seu sentido ontológico.

A relação dos seres humanos com o trabalho, que se reflete claramente nas histórias de vida desses estudantes-trabalhadores, demonstra a tese do trabalho como produtor de mais-valia. Tomando como base os sentidos histórico e ontológico, vê-se que o trabalho realizado por esses sujeitos pouco (ou nada) abre espaço para a compreensão e vivência do segundo sentido. O trabalho se transforma exclusivamente em meio de garantir a subsistência, denotando seu caráter alienado, mais próximo do sentido de *tripallium*⁶, termo latino formado pela junção dos elementos tri, que significa “três”, e “*palum*”, que quer dizer “madeira”; sendo esse o nome de um instrumento de tortura constituído de três estacas de madeira bastante afiadas e que era comum em tempos remotos na região europeia. Desse modo, originalmente, “trabalhar” significava “ser torturado”.

CONCLUSÃO

O término da aula, para Letícia, não representa o momento do descanso. Da mesma forma que a saída do trabalho é ininterrupta à aula, o pós-aula resulta em trabalho doméstico. Os cuidados com a casa e os filhos ainda precisam ser feitos. Revisar o que aprendeu, ou se preparar para a prova do dia seguinte não será possível, pois o cansaço da rotina do dia já apresenta os seus sinais. Porém, lemos no memorial que entregou, o que a move:

Quero ir até o final, depois querer fazer pedagogia. Tomei gosto pelos estudos. Apesar do cansaço e das dificuldades quero concluir e não pretendo desistir jamais. O conhecimento que estou tempo com esses professores maravilhosos. Além de muito competentes. São pessoas humanas que me acolheu com muito carinho. Esse processo de estar com pessoas diferente me faz crescer como pessoa. Hoje vejo as coisas de uma forma diferente com mais clareza e com uma visão mais aberta das coisas. Agora que voltei a estudar quero ir até o fim. Me formar.

Registrar, e com isso nominar, permite ao estudante-trabalhador trazer à superfície os desejos de ressignificação de sua trajetória, embora assumindo a história vivida e os limites que ela impôs. Ao ofertar essa atividade em sala, o que se intenta ainda é oferecer possibilidades de pensar o porvir, pois, mesmo diante das dificuldades que se apresentam em seu dia a dia, os estudantes, assim como Letícia, reforçam, trazem à tona, os projetos de futuro.

Já para o professor que realiza essa atividade, assim como nos relata Abrahão (2004, p.210), “trabalhar com narrativas não é simplesmente recolher fatos diferentes, em contextos narrativos diversos, mas, sim, participar na elaboração de uma memória que quer transmitir-se na demanda de um investigador”. Com isso, pode-se contribuir para o planejamento de atividades de ensino-aprendizagem mais significativas para o grupo.

Importa ressaltar que o trabalho, compreendido muito mais em seu sentido histórico do que ontológico, perpassa os tempos – passado, presente e futuro, bem como os espaços atualmente vivenciados – trabalho, escola e casa. É, portanto, motor da vida destes estudantes desde a sua infância, já que muitos necessitaram ajudar na renda de suas famílias.

Entretanto, a compreensão que os estudantes-trabalhadores possuem sobre o trabalho está distante daquilo que se almeja na EJA integrada à EPT, pois passa ao largo de uma compreensão ontológica. Trabalho para eles significa luta, exploração, busca de subsistência, o que, dentre outras coisas, impossibilitou o sonho de escolher uma carreira, implicando na adaptação às possibilidades que se colocaram, e que, geralmente, foram de trabalho precarizado.

A educação profissional pensada para a Educação de Jovens e Adultos, tem como eixo o trabalho como princípio educativo, favorecendo que estes estudantes o compreendam de maneira ampliada. É na escola que os jovens e adultos terão a oportunidade de se apropriarem dos conhecimentos historicamente construídos para assim exercerem seu papel de cidadão crítico na sociedade. Através da assimilação crítica dos conhecimentos, os sujeitos terão as condições para pensar de maneira crítica as formas de trabalho a eles oferecidas, bem como perceber a exploração do/pelo trabalho como motor do modo de produção capitalista.

O grande desafio àqueles que trabalham com a EJA integrada à EPT é elaborar uma proposta curricular – bem como efetivá-la no dia a dia – que corresponda à concepção de trabalho como princípio educativo, dando conta de atender às demandas dessa modalidade de ensino. Como alerta o Documento Base (2007, p. 48), “a organização curricular não está dada à priori. Essa é uma construção contínua, processual e coletiva que envolve todos os sujeitos que participam do Programa”.

Diante dos desafios que se apresentam, a perspectiva da Nova História Cultural, na medida em que valoriza a “história vista de baixo”, contribui nesse processo, pois permite aos professores se colocarem na posição de ouvintes/leitores, estando atentos ao que pensam e vivem aqueles que geralmente são desconsiderados neste processo de construção: os estudantes, sujeitos que carregam em si conhecimentos e história.

Defendemos que, apesar dos limites do processo de produção dos memoriais, seja pela dificuldade dos estudantes na escrita, pelo constrangimento e até mesmo pelos fatores imbricados no tempo para a realização desse processo, ele se reveste de amplas possibilidades. Permite-se, com esse processo, tomar as vivências desses sujeitos como ponto de partida para planejar a efetivação do currículo no dia a dia da sala de aula. Além disso, traz a potencialidade de levar os estudantes-trabalhadores a construir novas formas de compreender o trabalho e os demais conhecimentos com os quais se pretende dialogar.

A reflection regarding the understanding of students of Youth and Adult Education integrated with Vocational Education about their relationship with work

ABSTRACT

This article aims to analyze how students of Youth and Adult Education integrated with Professional and Technological Education understand their relationship with work. For this purpose, data collection was performed by students writing a memorial. We initially elucidated the conceptions of work in the historical and ontological sense. Subsequently, we reflected on the New Cultural History as a possibility of, when understanding the history "seen from below", allowing the rescue and appreciation of those who are not usually heard. Then, based on the memories of student-workers who participated in this research, we sought to explain how they understand the work. According to our, we could see according to our theoretical basis, it is possible to realize that student-workers do not understand work in its ontological sense. On the contrary, by linking work to the employment factor and the process of distancing from the school process, they attribute to work feelings of pain and missed opportunities.

KEYWORDS: Work. Youth and Adult Education. Professional and Technological Education. Memorial.

Una reflexión sobre la comprensión de los estudiantes de Educación de Jóvenes y Adultos integrada a la Educación profesional sobre su relación con el trabajo

RESUMEN

El presente artículo pretende analizar como los estudiantes de la Educación de Jóvenes y Adultos integrada a la Educación Profesional y Tecnológica comprenden su relación con el trabajo. Para tal objetivo la colecta de datos se dio a través de un memorial escrito por los estudiantes. Elucidamos inicialmente las concepciones de trabajo en el sentido histórico y ontológico. Posteriormente, reflexionamos sobre la Nueva Historia Cultural como posibilidad de, al comprender la historia “vista de abajo” permita el rescate y la valoración de aquellos que generalmente no son oídos. En seguida, con base en los discursos de los estudiantes-trabajadores que participaron de las actividades de la producción del memorial, buscamos explicitar como ellos comprenden el trabajo. A partir de nuestra base teórica pudimos percibir que los estudiantes- trabajadores poseen un entendimiento distante de trabajo en su sentido ontológico, estando nítidamente marcada a la comprensión histórica de ese término, y, con significado de dolor, pérdida de otras oportunidades.

PALABRAS CLAVE: Trabajo. Educación de Jóvenes y Adultos. Educación Profesional y Tecnológica. Memorial.

NOTAS

- 1 No intuito de preservar a integridade dos autores dos memoriais, serão utilizados nomes fictícios em todo o texto.
- 2 As duas categorias, estudo e trabalho, estão imbricadas na vida dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica, deste modo, acreditamos que estes conceitos hifenizados melhor caracterizam estes estudantes.
- 3 O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – CEPESH, mediante o parecer número 3445.332.
- 4 SOUSA, V. V.; SUHR, I. Contra-bandos: percursos dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica mapeados através da escrita de si. Blumenau, 2020. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/574975>. Acesso em: 23 mar. 2020.
- 5 O Documento Base proposto pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec), livro publicado em 2007, traz a orientações, diretrizes e perfil dos estudantes da política pública PROEJA e será denominado neste trabalho, Documento Base
- 6 Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/trabalho/>. Acesso em: 23 mar 2020.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. (org.) **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BARTHES, R. **Análise estrutural narrativa**. Trad. Maria Zélia Barbosa; introdução à edição brasileira por Milton José Pinto. 7 ed. Petrópolis – RJ: Vozes. 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Programa de Integração da Educação Profissional ao ensino médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. **Documento Base**. Brasília: MEC, 2007.
- BURKE, P. (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- BOTERF, G. L. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, C. R. (org.). **Repensando a pesquisa participante**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 51-81.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3 ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes. 1998.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Trad. Célia Neves, Alderico Toríbio. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.

LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 7. ed. revista. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2013.

MARX, K. **O capital**. Condensação de Gabriel Deville. Trad. Albano de Moraes. 3. ed. Bauru-SP: EDIPRO, 2008.

MOURA, D. H. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. **Holos**, Natal, ano XXIII, n. 2, p. 4-30. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/11/110>. Acesso em: 17 fev. 2018.

PLATÃO. **Protágoras**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém-PA: Edufa, 2002.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, jan./abr. 2007. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000100012>

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 39-62.

Recebido: 1 jul. 2020

Aprovado: 24 nov. 2020

DOI: 10.3895/rtr.v5n0.12679

Como Citar: SOUSA, V. V. de; SUHR, I. R. F. Uma reflexão acerca da compreensão dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica sobre sua relação com o trabalho. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 5, e2012679, p. 1-18, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Vinícius Vieira de Sousa

vinicius.vsouza@gmail.com

Direito Autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

